



Espírito do tempo em telas: Do conceito à experiência de mulheres no jornalismo audiovisual¹

Iluska Coutinho, Universidade Federal de Juiz de Fora²

Resumo: A proposta de comunicação científica apresentada tem como ponto de partida uma reflexão sobre as transformações do (tele)jornalismo nas últimas três décadas, colocando em diálogo a proposição de Edgar Morin acerca do espírito do tempo, constructo teórico desenvolvido pelo autor ao abordar as características da cultura de massa no século XX (1997), e um olhar para as trajetórias de três mulheres, tomado a partir de sua presença em múltiplas telas do tempo presente. Para a realização do trabalho recorre-se à pesquisa bibliográfica, documental e ainda ao contato com a empiria, realizado por meio da análise da materialidade audiovisual (Coutinho, 2016 e 2018). Ao contrário do que a redação deste resumo em terceira pessoa do singular sugira, essa é uma comunicação que conta ainda com a trajetória da autora e pesquisadora, também personagem das transformações experimentadas no jornalismo audiovisual ao longo das últimas três décadas.

Se no capítulo intitulado “O Espírito do tempo”, Morin (1997) se refira à cultura de massa como “(...) o embrião de religião a salvação terrestre”, embora identificando nesta limitações como a ausência da promessa de imortalidade, ou a limitação ao desenvolvimento dos mitos, no atual ecossistema de mídias há novos pactos em celebração. Em lugar da perspectiva difusionista, inscrita na ideia dos meios de comunicação de massa como irradiadores de mensagens, informativas no caso do telejornal, tem-se na era das redes sociais digitais novos tráfegos e arquiteturas a definir o fluxo de dados, nem sempre de forma transparente, que assegure a qualidade da informação ou seu caráter de interesse público. Em comum entre esses tempos, e sociabilidades, há que se destacar a centralidade do vídeo, entendido não apenas como suporte, mas como linguagem e modo de saber, ser e estar no mundo.

Na comunicação proposta tomamos como hipótese que o telejornalismo e a televisão - agora entendida e consumida em suportes, plataformas e fluxos diversos, ao vivo ou sob demanda - permanecem como a praça pública no Brasil, como avaliam Alfredo Vizeu Pereira

¹ Resumo expandido de Comunicação Científica submetido ao Encontro Regional Sudeste 2022 de Ensino de Jornalismo - GP Produção Científica

² Professora titular da Universidade Federal de Juiz de Fora. Jornalista diplomada pela UFES com mestrado (UnB) e doutorado (Umesp/ Columbia NYC) em Comunicação. Diretora Científica Intercom e Regional Sudeste da ABEJ, realiza pesquisas sobre Jornalismo e Comunicação pública com financiamento de CAPES e CNPq. Iluska.coutinho@ufjf.br



Jr., Flávio Porcello e Célia Ladeira Mota (2006). Por outro lado há mudanças e deslocamentos em curso, decorrentes das mudanças nas relações entre Comunicação, Tecnologia e Sociedade, que seriam a amálgama do espírito do tempo, hoje percebido em fluxos múltiplos e reticulares.

No telejornalismo realizado na televisão que ocupava um lugar central como mídia de massa característica do espírito do tempo do século XX, uma matéria de referência era considerada no jargão profissional como “redondinha”. Hoje percebe-se a demanda por emergência de novas metáforas para uma produção que se realiza em diálogo com o(s) público(s) e também em fluxo. Nesse processo de mudança, tecnológica e da comunicação atravessada por ela, também a sociedade do telejornalismo (Vizeu, 2008) se altera. No âmbito desse texto propõe-se interpretar essas transformações a partir da trajetória de três mulheres, duas delas jornalistas, que atualmente produzem peças de jornalismo audiovisual, em diferentes suportes: Fátima Bernardes, Astrid Fontenelle e Angélica.

Pretende-se a partir de um olhar para os percursos das personagens e da análise da materialidade audiovisual de produtos audiovisuais com sua assinatura, compreender mudanças em relação aos formatos audiovisuais, mas também dos papéis e credibilidade do jornalismo. Entre os resultados, destaca-se um maior protagonismo feminino no tempo presente, em diálogo com o telejornalismo com perspectiva de gênero (Coutinho e Pereira, 2021).

Referências:

- COUTINHO, Iluska & PEREIRA, Ariane. Perspectiva de gênero em telas: acréscimos ético-informacionais à dramaturgia do telejornalismo. In EMERIM, Cárlica; PEREIRA, Ariane & COUTINHO, Iluska. **Teorias do telejornalismo como direito humano**. Florianópolis: Insular, 2021. pp 75-90.
- COUTINHO, Iluska. Compreender a estrutura e experimentar o audiovisual - Da dramaturgia do telejornalismo à análise da materialidade. In EMERIM, Cárlica; COUTINHO, Iluska & FINGER, Cristiane (orgs). **Epistemologias do telejornalismo brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2018. pp 175-194.
- COUTINHO, Iluska. O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: A análise da materialidade audiovisual como método possível. **Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2016.
- MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: Neurose*. 9ªEd. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- PEREIRA JR, Alfredo E. V; PORCELLO, Flávio A.C. & MOTA, Célia Ladeira (orgs). **Telejornalismo: a nova praça pública**. Florianópolis: Insular, 2007.
- VIZEU, Alfredo (org). **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.